
SESSÕES DO PLENÁRIO

2ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 11 de março de 2010.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com o objetivo de debater o tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010 – economia e vida – proposta pelo nobre deputado Yulo Oiticica.

Convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Yulo Oiticica, deputado do PT, proponente desta sessão especial; a Srª Eva Maria Chiavon, Secretária da Casa Civil, representante do Sr. Governador Jaques Wagner; o reverendíssimo Sr. Vice-Presidente da ASA – Ação Social Arquidiocesana –, Padre José Carlos, representante do Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Geraldo Majella; o Sr. Presidente da Previs, Neemias Reis, representante do prefeito de Salvador João Henrique; o Sr. Capitão-Chefe do Serviço Religioso, Capelão Osório Soares de Freitas, representante do comandante da base aérea Ari Mesquita; o reverendíssimo da Igreja Presbiteriana Unida, Cláudio de Chagas Soares; o reverendíssimo Sr. Pároco da Paróquia de São Daniel Comboni de Sussuarana, Padre Franco Pellegrini; o reverendíssimo padre José Jorge Brito de Souza; o Sr. Coordenador da Cáritas Brasileira, José Carlos Moraes; a Srª Supervisora Técnica do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Ana Georgina; e o Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, Elias Dourado (Palmas)

Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, passarei a presidência dos trabalhos ao nobre deputado Yulo Oiticica, parlamentar em 3º mandato, sem dúvida nenhuma um dos deputados mais assíduos e atuantes desta Casa, que honra muito este Parlamento e com certeza presidirá esta sessão com muito sucesso.

Fico muito feliz com a presença de todos aqui, nesta sessão especial, nesta Casa política, do contraditório e do povo. Esta Casa, durante os últimos 23 anos, sem dúvida nenhuma, foi uma Casa transparente, que recebeu todos os segmentos da sociedade, tais como o Movimento dos Sem Terra, da Agricultura Familiar, os servidores, os procuradores, a Igreja Católica, a Igreja Evangélica e a Igreja Espírita, afinal de contas, a Assembleia Legislativa tem 63 parlamentares que foram eleitos pelo povo como seus representantes.

Temos aqui representantes de todos os segmentos da sociedade e de todos os rincões da Bahia, com o único objetivo de servir o Estado, portanto uma Casa partidária, política, do contraditório e de forças heterogêneas e plurais. Assim,

deputado Yulo, fico feliz por esta sessão especial, nesta quinta-feira, desejo-lhe sucesso.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Boa-tarde a todos. É um prazer enorme tê-los aqui, e como disse o Sr. Presidente, deputado Marcelo Nilo, esta é a Casa do contraditório, e é exatamente o contraditório que caracteriza e fortalece o processo democrático.

Secretária Eva Chiavon, mulher fantástica, quero saudá-la de forma bem especial, neste mês dedicado a mulheres competentes, guerreiras, determinadas e belas, como é o caso de V.Ex^a que muito bem representa o governador Jaques Wagner, o qual se propõe a construir uma “Bahia de todos nós”, com muita ousadia.

Não tenho dúvidas, secretária Eva Chiavon, que quando gritamos em nossas poesias e lutas que outro mundo é possível, estamos afirmando, e neste momento reafirmando, que a construção desse mundo passa pelas mãos de todos nós, portanto não é diferente a construção da “Bahia de todos nós” se tem a responsabilidade maior do governador do Estado. Sem dúvida é uma tarefa de toda sociedade organizada, de todas as instituições se unirem nessa perspectiva e não numa ideia romântica de que a unidade é fruto da obediência. É fruto, sim, do bom debate, da divergência, e a riqueza da democracia se dá exatamente na capacidade de construir a unidade na diversidade. É isso que estamos no dia-a-dia fazendo nesta Casa.

Gostaria de quebrar o protocolo, já que o primeiro que fala é o proponente da sessão. A secretária está do meu lado direito, necessariamente, não ideologicamente, mas sem dúvida tenho dois de esquerda do meu lado direito e do esquerdo. Eu queria quebrar o protocolo convocando para falar em primeiro lugar alguém que é muito especial para nossa Igreja Católica, é vice-presidente hoje da nossa ação social arquidiocesana, digo que ele é meu orientador espiritual, também é presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos, meu colega, parceiro e líder também das lutas do movimento social.

Quero convidar para falar em primeiro lugar o nosso padre José Carlos.

(Um convidado se manifesta fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero dizer que quebrar protocolo é com Prazeres, mesmo. Todo mundo já conhece a boa irreverência desse leigo da nossa Igreja. Mas gostaria de registrar a presença do Dr. Rogério Ataíde Caldas Pinto, nosso grande companheiro de defesa da luta dos direitos dos trabalhadores, que foi sacerdote na diocese de Barra. Sem dúvida, um dos momentos mais difíceis que o povo daquela região passou foi na ditadura militar quando foram brutalmente assassinados os companheiros Lamarca e Zequinha.

Quero dizer a Prazeres que, naturalmente, a gente terá relativa tolerância com os companheiros e companheiras que estão aqui fazendo parte da Mesa, que têm uma agenda intensa e alguns, infelizmente, terão que sair mais cedo. Quero aproveitar para agradecer a gentileza da presença de todos que estão aqui.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Com a palavra o Padre José Carlos.

O Sr. PADRE JOSÉ CARLOS:- Exm^o Sr. Deputado Yulo Oiticica, proponente desta sessão, Sr^a Secretária da Casa Civil, Eva Chiavon - um dia chegaram para Dom Augusto Álvaro da Silva e disseram a ele: Tenho muito ouvido falar do senhor. Ele perguntou: Bem ou mal? Disse-lhe: Musturado. É assim mesmo, Eva, que a gente ouve

falar de você: “musturado”, pela sua competência, pela sua gana de fazer bem feito as coisas, com seu toque feminino de mulher bonita que é -, Sr. Presidente da Previs, Neemias Reis, representando o prefeito do município, Sr. Capitão-Chefe Dos Serviços Religiosos, capelão Osório Soares de Freitas; Reverendíssimo Pastor Cláudio de Chagas Soares da Igreja Presbiteriana; Reverendíssimo Padre Franco Pellegrini, da paróquia de São Daniel Comboni; reverendíssimo Padre José Jorge de Brito; Sr. Coordenador da Cáritas Brasileira, José Carlos Moraes; Sr^a Supervisora Técnica do DIEESE- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sociais e Econômicos, Ana Georgina; e Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Trabalho Emprego e Renda e Esporte, Elias Dourado.

Comumente se diz que o Salão da Assembleia Legislativa é a Casa do povo e que nele estão representados todos os rincões do Estado, em cada estado os representantes do seu povo e no Congresso Nacional os representantes de todo o País.

A Igreja propõe, este ano, que reflitamos sobre a economia. E falo Igreja, porque falo das igrejas cristãs – cujos nomes não vou citar, porque não consigo me lembrar todas – que formam o CONIC, que propõe que a gente reflita sobre a economia no momento que saímos de uma crise econômica no mundo.

A economia significa cuidar bem da casa, e esta Casa tem por escopo legislar em favor da casa comum de todos nós, no caso, a Bahia. Cuidar da casa significa que o bem comum deve estar acima do bem partidário, dos interesses, dos conchavos, seja de partidos, seja de pessoas.

A Campanha da Fraternidade nos convida a olhar a realidade em que vivemos, não de modo estatístico, mas de modo a perceber a realidade da pessoa humana. A razão de ser da Campanha da Fraternidade, deste ano, bem como o seu objetivo, é apontar todas as situações que não favoreçam o desenvolvimento da pessoa humana. Não basta que o progresso seja maravilhoso no campo da técnica, que se vendam mais carros do que em todos os tempos, que a produção vendida para o exterior seja a melhor de todos os anos; que o superávit seja muito bom.

É preciso que baiano, soteropolitano, brasileiro de qualquer cidade deste País também tenha participação em seu progresso. É certo que muita coisa tem melhorado, mas é preciso que se tenha uma política econômica que dê a cada brasileiro o necessário não apenas para viver, mas também viver dignamente, como cidadão, como filho de Deus!

Deus criou cada um de nós para ser feliz e deu-nos toda a criação para que dela pudéssemos viver e dela tirar o nosso sustento. O progresso humano deve ser o progresso que favoreça a que cada pessoa, cada família, cada cidadão, tenha as condições comuns para viver, que cada cidadão possa ter a felicidade de ter uma casa, um emprego, um salário justo, e que lute por condições iguais para todos.

A Campanha da Fraternidade nos convida este ano a que olhemos o mundo de um modo fraterno, solidário, não como aconteceu em Copenhague, onde se pensou apenas na produção, no lucro, e não se pensou no ecossistema, onde se quis tão somente firmar a posição daqueles que estão em primeiro lugar no mundo em industrialização, em economia. É preciso que se olhe o ecossistema com mais responsabilidade.

E a Campanha da Fraternidade nos convida a refletir desde o copo de água que jogamos fora até os rios que poluímos; a tomar cuidado desde a poluição que fazemos

nas nossas casas, jogando lixo nas ruas, até a poluição de que todos somos responsáveis nas indústrias, que estão aí produzindo muitas coisas que trazem benefícios, mas trazem também muita desgraça para a humanidade.

Lamentamos profundamente que pessoas ainda tenham a visão de que as catástrofes que estão acontecendo são em virtude de castigo de Deus, como a que aconteceu no Haiti. É preciso que tenhamos maior responsabilidade para que possamos detectar que o ser humano é o causador de tudo que está acontecendo na natureza no momento em que estamos vivemos.

Então, eu não vou me alongar e digo ao deputado Yulo que momentos como este devem ser repetidos. E faço coro com o Carlos Prazeres: é preciso que estejamos aqui até o fim, mas gostaria também de ver, deputado Yulo, todos os representantes do povo da Bahia nesta sessão, porque, no momento de votação de leis que interferem na vida de cada um de nós, todos estão aqui, e seria preciso que todos pudessem estar aqui presentes para ouvir e aprender que é preciso votar, aprovar projetos que tragam o bem comum e não, que estejam a favor do interesse de alguns.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, padre José Carlos.

Convido para fazer uso da palavra a nossa secretária Eva Chiavon, chefe da Casa Civil, que aqui representa o governador Jaques Wagner.

A Sr^a EVA CHIAVON:- Boa-tarde a todas e a todos.

Quero, com muita alegria, cumprimentar o meu querido companheiro deputado Yulo, que está presidindo esta sessão, deputado combativo, sempre tratando as questões que interessam ao povo baiano e ao brasileiro no cotidiano da sua vida e sempre no sentido da organização desse povo para construir a sua dignidade; o presidente da Previs, Neemias Reis, que aqui representa o prefeito de Salvador; o Reverendíssimo Sr. Vice-Presidente da ASA, Padre José Carlos, e quero já fazer uma referência pública àquilo em que a instituição que o senhor representa colabora com dignidade, principalmente na mobilização e construção duma estratégia importante: a questão das cisternas. Acho que o País precisa reconhecer isso, assim como nós baianos reconhecemos.

Cumprimento também o capitão-chefe do serviço religioso, capelão Osório Soares de Freitas, o Reverendíssimo da Igreja Presbiteriana Unida, Sr. Cláudio de Chagas Soares, o Reverendíssimo Pároco da Paróquia São Daniel, Padre Franco Pellegrini, o Reverendíssimo Padre José Jorge Brito de Sousa, coordenador da Cáritas Brasileira, uma instituição igualmente nacional nessa mobilização da luta pela vida, o Sr. José Carlos Moraes, a nossa conselheira mas agora aqui representando o DIEESE, Ana Georgina, também fazendo um debate importante na sociedade baiana, e meu colega de governo representando nesta sessão a nossa área de trabalho, o Dr. Elias Dourado.

Os meus cumprimentos ainda aos Srs. Parlamentares, Srs. Deputados e Sr^{as} Deputadas que porventura devem estar acompanhando esta sessão, às senhoras e aos senhores e aos que representam lideranças comunitárias e se encontram neste Plenário nesta tarde de debates. É essa a razão da nossa presença e é por isso que o governador

Jaques Wagner me pediu para representá-lo, o que muito me honra, num debate de que a sociedade brasileira e baiana estão carentes.

Muitas vezes vocês e nós como cidadãos, homens e mulheres ficamos angustiados pela ausência de membros desta Casa, mas independentemente disso, que é um reclame de certa forma lícito, não poderia deixar de registrar a importância da presença de vocês aqui, lideranças comunitárias da Bahia como um todo, e dos representantes que se encontram nessa Mesa sob a coordenação do Parlamento Baiano, aqui na pessoa do deputado Yulo.

Acredito que uma sessão destas é de extrema importância e valia, na medida em que ela se soma a uma estratégia da CNBB e este ano, de forma inovadora, do Conic, conselho onde se juntam as igrejas cristãs e irmãs, para fazer um debate e criar na comunidade brasileira e baiana hoje, e não só aqui nesta sessão especial, mas também nas missas, orações e nos seus cânticos, a ideia de que é preciso enxergar e introjetar a importância de colocar no lugar dum projeto que faliu, no qual a economia estava como centro da vida, o começo da reflexão de que é necessário que juntos construamos uma outra sociedade baseada em outros valores.

Nada mais atual, nada mais necessário e relevante para o centro do que queremos fazer e construir - acredito eu que quem está aqui também pensa assim - do que tratarmos da importância e necessidade de termos numa sociedade a economia a serviço da vida, e não o lucro como centro duma estratégia de sociedade.

Precisamos ter a convicção disso e conversar, discutir para criar uma outra concepção, uma outra ideia, um outro entendimento, pois o mundo baseado apenas no lucro, na competição pura, se mostrou uma sociedade falida, e os homens e mulheres que sempre lutaram pela liberdade lutaram também por um outro mundo, assim como a CNBB sempre colocou ao longo da sua história. Uma frase e um texto que considero, como militante, eu que inclusive vim das Comunidades Eclesiásticas de Base: “Vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. E para que nós tenhamos, a sociedade brasileira e baiana, uma vida – como o querido padre que nos antecedeu colocou –, a vida e os aspectos que a envolvem, com dignidade humana é preciso que coloquemos outros caminhos e outras estratégias, que já estão sendo adotadas, mas é preciso que a sociedade baiana discuta e construa um mundo mais igual, mais equitativo para todos nós.

Hoje, pela manhã, vocês devem ter assistido a todos os jornais colocarem a questão do crescimento do PIB do País em 2009. Discute-se se o PIB era zero, negativo ou positivo, como na China, que foi altamente positivo. Já nos Estados Unidos houve queda, além de em outros países. Os economistas colocam a questão do PIB como o centro de uma análise econômica. É importante. Não podemos desconsiderar que esse processo de medida da economia foi construído ao longo da história, porém estamos em um momento em que podemos e devemos, como diz o francês Patrick Viverè, um grande economista francês, considerar outros indicadores de riqueza.

É verdade que o PIB, Produto Interno Bruto, precisa crescer, porque se não houver bolo crescido não tem como repartir. E é preciso que o bolo cresça de forma veloz, porque o povo foi há muitos anos alijado e precisa participar da repartição do bolo. Porém, é verdade que no crescimento da nossa economia – e, graças a Deus, no ano de 2010, debelada a crise, ela se mostra com perspectiva importante de crescimento

–, precisamos tratar de outros indicadores de riqueza que levem em conta o ser humano, os homens e as mulheres, que se leve em conta o crescimento do trabalho.

Graças a Deus, na medida em que houve uma crise, os empregos formais nos últimos 3 anos tiveram um crescimento importante. Portanto, o caminho da recuperação se mostra efetivo do ponto de vista da economia. Nos últimos 3 anos, o emprego formal cresceu. Foram 185 mil postos criados nos últimos 3 anos.

Hoje, o IPEA confirma para 2010 a perspectiva de criação de 83 mil novos empregos formais. Portanto, quando o emprego é formal, com carteira assinada, há toda uma forma de proteção. Isso é muito importante, pois, associado com o crescimento das rendas baiana e brasileira, mostra-nos que esse crescimento é sustentável e, de certa forma, duradouro. Há que se verificar como se comportará a economia chinesa.

Porém, junto com essas comemorações e essa luta diária para que o projeto incorpore cada vez mais homens e mulheres com trabalhos formais, com proteção, é preciso que nós, nessa discussão, na construção do conceito de riqueza, de economia a serviço da vida, coloquemos novos indicadores que nos façam mostrar que o conjunto da sociedade precisa viver melhor. Além de ser incluída, ter seus direitos e os direitos humanos assegurados.

Podemos citar vários indicadores – além do crescimento da renda, além de empregos que garantam aos trabalhadores, homens e mulheres, proteção, portanto, trabalhos de qualidade –, como estratégias de proteção ao meio ambiente, estratégias ambientais que façam com que o ambiente e a sociedade desfrutem de uma vida de mais qualidade, como também o direito à alimentação e uma alimentação saudável. Enfim, que nós aqui, homens e mulheres, debatamos, presidente Yulo, a questão da economia a serviço da vida, discutamos estratégias de que vida efetivamente nós queremos e que Estado queremos construir quando falamos que a Bahia e o país é de todos os brasileiros e brasileiras.

Por isso que nada mais fértil do que investirmos neste debate e de pessoas que estão aqui que acredito, tenho convicção, são lutadores históricos em várias pastorais, das diversas igrejas, do Parlamento, dos movimentos sociais. Porque a construção dessa economia em que a vida seja o centro é uma tarefa de todos nós, é uma tarefa do governo – e como diz o nosso governador: a gente não abdica dela quando se constroem programas e estratégias que vão nesse caminho.

E posso citar aqui vários programas e estratégias, o Água para Todos, a nossa educação profissional, o nosso programa de alfabetização, as nossas construções e infraestrutura, quando o governador decide ampliar a assistência à saúde, com o hospital do Subúrbio.

Ontem, inclusive, acompanhando o governador, fomos visitar o hospital do Subúrbio- o Sr. Deputado Yulo que também estava presente- e a minha alegria é que vi que lá o percentual entre homens e mulheres trabalhando na construção civil praticamente se equilibra. Vendo mais mulheres trabalhando, eu perguntei: quanto vocês recebem? Elas diziam: secretária, um salário mínimo vigente da construção e mais dependendo da quantidade de tijolos e de paredes que a gente ergue. Ou seja, recebendo por produtividade.

Então, a nossa alegria em ver que essa área também está crescendo, quando nos

esforçamos com o Programa Minha Casa Minha Vida, o qual a Bahia foi recorde, estamos incansavelmente trabalhando com a Caixa, com os empresários para que a Bahia contrate mais.

Enfim, é nesse contexto, nos nossos programas, na nossa postura concreta de governo que a gente convida e quer refletir com a sociedade baiana esse mundo onde a economia esteja a serviço da vida. E construir esses conceitos, construir esses consensos que vão para além do consenso é uma tarefa coletiva, de forma que a gente se encontra aqui para este debate.

Como dizia, e gosto de repetir Celso Furtado, que dizia sempre: “Nenhuma sociedade se desenvolve se ela não o quiser”. Portanto, querer se desenvolver ou querer colocar a economia a serviço da vida e não ao contrário, ao querer discutir um conceito que os indicadores de riqueza sejam outros a não ser a economia pura de um PIB único, mas sim de um crescimento com cuidados com a vida, com o meio ambiente, com a cultura, isso é algo necessário para a sociedade baiana.

Presidente Yulo, que preside esta sessão, faz parte não só do governo, do governador Jaques Wagner, mas da nossa convicção de gestora pública de que existe uma tarefa humana, estratégica, aqui de todos nós, que é estarmos juntos na construção de uma Bahia mais equitativa, na construção de uma Bahia mais igual onde todos tenham oportunidade. Não é uma tarefa simples, não é, porque a tarefa é grandiosa. Mas a gente já começou, não só nós, ela já começou, e essa tarefa vai ficar, vai andar mais rápido enquanto tarefa de um projeto de Bahia de Todos Nós se houver essa construção coletiva em que todos que querem, todas as pessoas que compreendem esse novo mundo possível que deva ser colocado no lugar, não apenas de uma estratégia de lucro fácil, de uma estratégia especulativa, onde, evidentemente, a riqueza seja repartida, e uma riqueza saudável, vamos andar mais rápido se fizermos de forma coletiva.

E eu quero, para terminar, repetir: nada mais importante do que nós, juntos, nessa construção coletiva, regaçarmos as mangas e trabalharmos na construção desse projeto, que não é uma tarefa simples. Não temos ilusão disso, mas temos convicção de que estamos caminhando e podemos andar mais se tivermos unificado na estratégia. Evidente que com divergências, às vezes com diferenças, cada um nos seus espaços, o movimento social no dele, o Parlamento no dele, o governo no dele. Cada um no seu, cabe para todo mundo. Mas nas divergências, construindo um único conceito como que é uma Bahia mais equitativa, mais igual, mais humana, mais justa. E nada melhor do que a Campanha da Fraternidade para nos unirmos nessa reflexão.

Parabéns aos proponentes e obrigada por esse investimento num momento importante como este.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Agradeço a participação da nossa secretária Eva Chiavon, chefe da Casa Civil.

Teremos, neste momento, a participação do grupo Ministério Jovem, que cantará o Hino da Campanha da Fraternidade de 2010.

(Execução do Hino da Campanha da Fraternidade.) Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado à juventude do Grupo Ministério Jovem.

Gostaria de convidar para compor a Mesa conosco a vereadora Mônica, do Partido dos Trabalhadores da cidade de Tremedal, e também o nosso companheiro Carlos Prazeres.

Usarei da palavra agora.

O Sr. YULO OITICICA:- Boa-tarde a todos e a todas. É um prazer, como já disse, tê-los aqui num momento importante como este no qual a Assembleia Legislativa, Padre Zé Carlos, vai fazer este bom debate, mesmo na ausência da maioria absoluta dos deputados, pois ele vai ficar registrado e será reproduzido posteriormente pela *TV Assembleia* várias vezes, ela que é vista também nos gabinetes dos deputados. Além disso, sairá uma cartilha com todo o conteúdo das discussões. Espero que depois tudo isso seja proveitoso para outras ações concretas desta Casa Parlamentar. Gostaria de saudar, mesmo na sua ausência, o deputado Marcelo Nilo, que preside este Poder e tem sido sempre solícito a reivindicações como esta. Saúdo também, Prazeres, a nossa secretária Eva Chiavon. Infelizmente a mãe de uma das minhas secretárias faleceu ontem. O enterro vai ser agora, às 16 horas. Portanto, lamentavelmente, temos a ausência dela. Quero saudar igualmente o nosso companheiro Nehemias Reis, que representa aqui o nosso prefeito João Henrique. Agradecendo a presença do seu representante, já mando um abraço a ele. Saúdo ainda o capelão Osório Soares de Freitas, que nesta sessão representa o comandante da Base Aérea, capitão Ari Mesquita, o Reverendíssimo da Igreja Presbiteriana Unida, Cláudio de Chagas Soares, o padre Franco Pellegrini, padre comboniano da Paróquia de Sussuarana, os padres combonianos que tanto têm influenciado no bom debate em nossa arquidiocese, sobretudo neste instante em que a Quaresma nos convoca a discutir a Campanha da Fraternidade até para que possamos comemorar verdadeiramente uma Páscoa com muito mais autenticidade; Quero saudar também o nosso padre Jorge Brito de Souza. Até parece, para quem não conhece o padre Jorge, que é ele assim quietinho, acomodado ali no canto. Mas é um padre inquieto, uma boa inquietação de Jesus Cristo, que o inspira a comandar uma paróquia com tantos problemas sociais como a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora. Mas a coragem profética não lhe falta, e está tocando aquela labuta no dia a dia.

Quero saudar o coordenador das Cáritas Brasileiras, José Carlos Moraes, que também tem influenciado nesse bom debate. A Ana Georgina, do DIEESE, órgão que tem feito esse debate de forma consequente e propositiva, pois é fundamental que não seja um mero debate da crítica. E tal departamento tem feito isso com análise científica e responsabilidade, na perspectiva da garantia dos direitos sociais. Por fim, saúdo o chefe de gabinete do secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, o nosso companheiro Elias Dourado.

Quero mais uma vez dizer que a Campanha da Fraternidade, como já disse aqui o padre Zé Carlos, nos convoca a este momento tão importante para nós cristãos, nós católicos: a Quaresma. Este momento, deputado... Aliás, padre Zé Carlos. Se V.Ex^a viesse a esta Casa como deputado, iria dar uma contribuição gigante, e a Paróquia de Guadalupe viria reclamar. Mas, sem dúvida, para esta Casa e o povo desta cidade seria um ganho extraordinário.

Quero saudar também a presença da nossa companheira Marta, que é uma defensora da causa indígena do nosso Estado e está aqui não só para prestigiar esta sessão, mas também para, em seguida, irmos até a Polícia Federal, eu e mais alguns deputados, entre eles o deputado Luiz Couto, que é deputado federal da Paraíba e é padre, viu, padre Zé Carlos, que está aqui conosco neste momento. Iremos logo em seguida visitar o cacique Babau, com a Dr^a Patrícia, que está aqui e que é índia pataxó hã hã hã, quase doutora, porque está no último semestre de Direito na Universidade Federal da Bahia.

Iremos visitar a liderança indígena que foi presa pela Polícia Federal na madrugada passada, e as informações que temos é que foi brutalmente torturada, inclusive com uma das costelas quebradas, e até agora nenhuma assistência de saúde, por isso, assim que terminar esta sessão, iremos visitá-lo na Polícia Federal e naturalmente tomar as iniciativas que assim forem necessárias.

Mas quero aprofundar o debate que o padre Zé Carlos já trouxe aqui, que fala exatamente da economia de mercado e do bem comum, essa contradição que infelizmente a economia faz com que se alargue cada vez mais, não só no nosso Estado, no nosso País, mas em todo o Planeta.

(Lê) “A Campanha da Fraternidade 2010 nos apresenta uma importante reflexão sobre a economia e a necessidade de que a economia sirva ao bem comum.

A reflexão que a CF incita não é a da economia como 'relação do homem com a natureza para prover os bens necessários à reprodução física e social dos grupos humanos', nem da ciência econômica, está tão controversa ciência que uns desejam transformar em matemática ou física e outros em sociologia ou política, mas o cerne da reflexão que a CF nos desafia a discutir é a relação entre 'economia de mercado' e o bem comum.

A CF 2010 nos apresenta as perguntas que não querem calar: a e 'economia de mercado' serve ao bem comum? Existe alternativa para a 'economia de mercado'?

Antes de entrar propriamente nas questões acima, é preciso caracterizar 'economia de mercado' e bem comum.

Caracterizar a 'economia de mercado' rende uma enorme controvérsia ideológica, por isso não espero fazer uma caracterização imune às críticas, mas firmar pontos que considero essenciais.

1- A 'economia de mercado' é a economia capitalista, é o sistema hegemônico e universal de nossos tempos.

2- O Trabalho é o responsável pela produção da riqueza social”.

Todos estão envolvidos na produção de toda a riqueza da sociedade. Portanto, no chamado PIB, ou toda a produção, todos são importantes, todos são agentes de produção de riqueza. Está na produção da riqueza a fábrica de helicópteros, a fábrica de aviões e está o vendedor de picolé ali da esquina, ou até às vezes aquele garoto que não pode vender o picolé, mas cata as moedas na sinaleira.

Infelizmente, o fruto da riqueza não é o fruto da produção social, que é dividido para todos, porém a apropriação dos frutos do trabalho é privada, é particular.

(Lê) “3 - Os meios de produção da riqueza social são controlados por uma ínfima minoria e a maioria da sociedade vende sua força de trabalho (física ou intelectual) para sobreviver.

4 - Os bens não são fabricados por serem úteis para as pessoas, mas para se transformarem em mercadorias, cujo objetivo é o lucro, ou seja, não importa que sejam armas, drogas ou venenos, se derem lucro serão fabricados e vendidos.

5 - Na nossa sociedade, o dinheiro é o representante universal da riqueza social, pois pode comprar todas as mercadorias, e existe uma idolatria ao dinheiro que os economistas chamam de "fetichismo da mercadoria" ou fetichismo do dinheiro" (o dinheiro ganha vida e subordina as pessoas, basta observar os ditados populares, como 'dinheiro não traz felicidade', ora, felicidade é um atributo humano e não dos objetos)

6- A “Economia de mercado” transforma tudo em mercadoria e mercantiliza e desumaniza a relação entre as pessoas ”

Basta olhar os Big Brothers da vida, onde as pessoas passam a ser mercadorias, fruto do mercado, com o objetivo simples do lucro. E na maioria das vezes as pessoas aprovam e participam direta e indiretamente da transformação do ser humano em objeto que gera lucro.

7- Existe uma contradição entre o mundo da produção capitalista que incorpora cada vez mais tecnologia e desemprego (desemprego estrutural) e a esfera do mercado que exige quantidades crescentes de consumidores vorazes (todos os consumidores são pessoas, mas nem todas as pessoas são consumidores, pois se não tiver dinheiro para consumir não importam para a "Economia de mercado"). Esta contradição e seus desdobramentos determinam a existência de crises cíclicas (como a crise de 1929 e a atual que vem de 2008).

E podemos facilmente aqui identificar: nunca tivemos ricos tão ricos. Os noticiários de ontem só falavam dos bilionários. Alguém que estava do meu lado na hora perguntava: o que é mesmo um milionário, é quem tem um milhão? O noticiário falava que o homem mais rico do mundo, um bilionário, tinha 38 bilhões.

Vale lembrar que entre os 10 mais ricos o oitavo é um brasileiro. Certamente não é o padre José Carlos que está nesta lista. Imaginemos que essa é a economia que existe inclusive em países como o nosso.

(Lê) “O Bem Comum foi muito bem definido pelo texto-base da CF e quero aqui transcrevê-lo:

Bem comum é o conjunto de condições sociais que permitem e favorecem às pessoas o desenvolvimento integral da personalidade.

5-. O Bem Comum abrange a existência dos bens necessários para o desenvolvimento da pessoa e a possibilidade real de todas as pessoas de ter acesso a tais bens. Isso requer o empenho social e o desenvolvimento de grupos e das pessoas individualmente, implicando a existência de paz, estabilidade e a segurança de uma ordem justa.

6-. O Bem Comum é diferente de Interesse Geral. Interesse geral não distingue cada pessoa, no grupo. Considera apenas o coletivo. ”

Neste caso, podemos muito bem identificar o Brasil. Em que pese tantos ainda viverem sem energia, sem saneamento básico, sem água potável, não só tem o oitavo homem mais rico do mundo, mas também está entre as dez maiores economias do Planeta.

(Lê) “O Bem Comum envolve todos os membros da sociedade, ninguém sendo isentado de cooperar, participar e desenvolver, de acordo com as possibilidades específicas de cada um.

O Bem Comum em suma pode ser sintetizado em Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Justiça e Paz.

Pela própria caracterização de "Economia de mercado" e Bem Comum, está claro que são conceitos antagônicos. A "Economia de mercado" pressupõe o Homem como um ser-mercadoria consumista e o Bem Comum, o Homem pleno em sua liberdade, dignidade e direito à busca da felicidade.”

Mais uma vez comento o texto base da Campanha da Fraternidade.

(Lê) “O problema mais grave do atual debate entre a água nos deixa de frente com essa discussão. O padre José Carlos participou, efetivamente, com toda a ASA e tantas outras igrejas, não só cristãs, do debate que esta Casa viveu num período muito recente passado, onde foi aprovado por esta Casa e não foi revogado, já que a revogação foi de minha autoria e não foi votado, portanto foi votado nesta Casa pela maioria absoluta dos deputados a possibilidade de o governador de plantão privatizar a água.

Então, essa é uma demonstração clara de que a água deixa de ter o objetivo de satisfação do bem comum, satisfazer as necessidades individuais e coletivas do ser humano, passa a ter um outro objetivo quando ela é privatizada e o objetivo é lucro, portanto, mercantilização da água é uma demonstração clara do desafio e da contradição real.

A crise global, a crise econômica que tomou conta do mundo a partir de 2009, segundo a ONU, colocou, Pe. José Carlos, 100 milhões de pessoas sem ter o que comer; 100 milhões de pessoas no mundo passam fome, em detrimento disso, cada dia é mais transgênicos, portanto mais produção de grãos, cada dia mais máquinas especializadas, cada dia se gasta mais em pesquisas na perspectiva de potencializar a produção, mas nunca a serviço da divisão da riqueza social, mas sempre do acúmulo da riqueza na perspectiva da concentração.

Segundo relatório da Organização das Nações Unidas sobre a campanha das Metas do Milênio, essa informação é muito relevante, os bancos ganharam mais dinheiro em 2008 do que todas as nações pobres do mundo em 50 anos. Portanto, o que os bancos ganharam em um ano é mais do que todos os países pobres arrecadaram em 50 anos, mas, mesmo assim, olhe a benevolência com o capital e os bancos.

Quatro bilhões foram dados pelos países ricos às nações pobres e miseráveis. vejam que solidariedade extraordinária. Quatro bilhões foram dados aos países pobres. Em detrimento disso, as instituições financeiras que estavam com as pernas bambas não receberam quatro bilhões, receberam 35 bilhões de dólares para salvá-las da falência.

Portanto, vocês que estão aqui, que são donos de bancos, não precisam se preocupar, porque a lógica do capital salvará os bancos com bastante generosidade.

(Lê) “A República Brasileira foi construída reforçando a riqueza e o poder privado da classe dominante.. Essa, para conservar seus bens, recorreu a longos períodos de autoritarismo. O projeto brasileiro de industrialização, chamado desenvolvimentismo, foi construído na base da cumplicidade entre os detentores do poder e da riqueza, do Estado e de dinheiro estrangeiro, à custa de empregados mal

remunerados e da massa dos pobres impossibilitados de usufruir dos resultados do crescimento do país. O desenvolvimentismo fracassou politicamente e deixou como herança ao povo brasileiro dívidas públicas enormes - interna e externa - que são pagas, direta ou indiretamente.”

Exatamente pelos os que não são donos de bancos que estão nesta plateia e em todos os rincões do nosso Estado e do nosso País.

(Lê) "Na raiz da desigualdade social está a concentração de terras rurais nas mãos de poucas famílias ou empresas. Cerca de 3% do total das propriedades rurais do país são latifúndios, ou seja, tem mais de mil hectares e ocupam 56, 7% das terras agriculturáveis – de acordo com o Atlas Fundiário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Em outras palavras, a área ocupada pelos Estados de São Paulo e Paraná juntos está nas mãos dos 300 maiores proprietários rurais, enquanto 4,8 milhões de famílias estão à espera de chão para plantar.

O Brasil é o quarto emissor de gases de efeito estufa no mundo e a principal causa da emissão no País é o desflorestamento e as queimadas na região Amazônica.

O salário mínimo, do qual a remuneração média e os pisos salariais definidos nas negociações coletivas têm se aproximado, apesar da importante valorização nos últimos anos, ainda não é compatível com o que a Constituição prevê...” Em que pese o desejo antigo de o salário mínimo ser de US\$ 100, meta já ultrapassada. Mas vale lembrar que, segundo o DIEESE – não só numa perspectiva de ousadia mas também para contemplar o entendimento da Constituição Federal de 1998 –, deveria ser R\$ 2.045,00, e não esse “extraordinário” valor de R\$ 510,00.

“(...) A economia é apenas uma parte de uma cultura, mas influencia decisivamente o modo de vida das pessoas. Vivemos em uma economia de mercado que coloca o aspecto financeiro acima de todos os demais e transforma tudo em mercadoria, que valoriza pessoas pelo seu padrão de consumo, que cria vícios de acúmulo do supérfluo como forma de alguém se sentir importante. Isso ameaça pobres e não pobres, sacrifica famílias, deforma valores e torna as pessoas vulneráveis a uma propaganda consumista insaciável.

Por tudo que foi exposto até aqui, temos a convicção de afirmar que a 'economia de mercado' não só não serve ao bem comum, como é danosa ao bem comum...”

Diante dessa leitura, Silvino, há desesperança ou esperança? E aí cabe a pergunta: “(...) Mas então, o que fazer?

Os últimos 30 anos foram caracterizados por uma feroz ofensiva do grande capital sobre os trabalhadores e povos do mundo. Essa ofensiva se deu em todos os campos – político, econômico, social, militar e, especialmente, no plano cultural e ideológico. O discurso do 'fim da história', da inevitabilidade da economia de mercado, a competição feroz como valor, a desigualdade como algo 'natural', a incompetência e até inutilidade do Estado e a tentativa de impor o pensamento único através dos mais diversos instrumentos, especialmente da grande mídia global, são parte desta ofensiva no plano da ideologia e da cultura. Esses valores, ou melhor, contra valores se encontram profundamente arraigados e disseminados em toda a sociedade e em todos nós também e turvam as nossas mentes e consciências sobre verdades significativas.

1- O capitalismo é fruto da história dos seres humanos e, portanto, pode ser superado;

2- O capitalismo não existe há mais de 6 séculos (sendo bastante benevolente em indicar os primórdios do sistema);

3- A história humana é uma luta incessante contra a desigualdade, a opressão e a dominação, enfim, uma luta constante pela libertação;

4- Embora incipientes, incontáveis experiências de empreendimentos econômicos comunitários e solidários se multiplicam mundo afora, demonstrando que, se não há alternativas prontas, há muita vontade de construí-las (os erros e as insuficiências dessas alternativas fazem parte do processo de aprendizado e evolução desses novos arranjos econômicos).

5- A organização dos povos e dos trabalhadores permite conter, pelo menos em parte, a sanha do capital e força-o a respeitar alguns direitos (A mobilização pró meio ambiente tem conseguido algumas vitórias contra os interesses do grande capital)

Gostaria de dizer que o processo de organização passa necessariamente pela política.

A política é o palco da disputa de projetos de mundo e de sociedade. A política não é, nem nunca vai ser, aquilo que alguns, ingenuamente, desejam: uma assembleia de santos e anjos.

A política é o lugar privilegiado para afirmar a sociedade e a economia que queremos e o lugar do debate, do conflito, do consenso, do dissenso, do acordo e da disputa. Infelizmente, muitos dos nossos, trabalhadores, excluídos, oprimidos e explorados, abdicam de fazer o debate e a disputa política e deixam que os capitalistas e seus asseclas dominem a cena política, na qual se exerce o poder e definem-se os rumos do país. Não mudaremos a situação social e econômica injusta sem política; por isso, conclamo os meus irmãos e minhas irmãs da Igreja para que, como gesto concreto, forte e profético, digamos não à "economia de mercado" e suas mazelas. Precisamos fazer política e caminhar com todos aqueles que desejam construir o reino de justiça e paz, mesmo que tenhamos discordâncias, e sempre as teremos, de que caminhos trilhar, pois, mesmo por caminhos diferentes, é fundamental que não percamos de vista o objetivo comum, que é construir um mundo, um país para todos nós.

CONSTRUIR UM MUNDO DE PAZ E JUSTIÇA SOCIAL, COM UMA ECONOMIA A SERVIÇO DA VIDA, é o apelo que o CONIC nos faz ”

Portanto, que Deus possa nos permitir que esse período da Quaresma seja não só um momento de ampla inflexão individual, mas também de reflexão coletiva para que, mais do que nunca, possamos construir unidade na nossa rica adversidade e uma economia solidária, fruto da nossa capacidade de dizer que riqueza social é fruto de todos nós, portanto, tem que ser dividida entre todos nós.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Gostaria de convidar, para fazer uso da palavra, a nossa companheira supervisora do DIEESE, a Dr^a Ana Georgina.

A Sr^a ANA GEORGINA:- Boa-tarde a todos, boa-tarde a toda a Mesa!

Saúdo o deputado Yulo Oiticica, e aproveito a oportunidade para agradecer-lhe, em meu nome e do DIEESE, este convite e também a todas as entidades, a todas as religiões cristãs por terem escolhido um tema tão importante e tão oportuno para a

Campanha da Fraternidade.

Estava ouvindo as falas dos que me antecederam e lembrei-me do juramento que fiz – sou economista –, no dia da minha formatura, do que é a ciência econômica e com que me comprometia naquele momento que estava recebendo meu diploma.

E, no juramento do economista, a gente dizia que iria utilizar o que aprendemos para tornar a sociedade melhor, para fazer com que a riqueza gerada no mundo seja fonte de bem-estar para todos e não para sermos instrumento de mais reprodução de riqueza, e que essa riqueza continue sempre nas mãos das mesmas pessoas.

Infelizmente, a profissão de economista não é muito prestigiada porque as pessoas geralmente vinculam a riqueza, isto é, a má distribuição da riqueza à ciência econômica. Isso é um erro. Na realidade, a função da economia no mundo é essa que a Campanha da Fraternidade traz à tona tão oportunamente este ano. A economia tem que estar subordinada à vida, e a vida no sentido da provisão de todos os recursos necessários para que todas as pessoas possam viver bem, de forma decente, com todas as suas necessidades satisfeitas.

Quando o deputado Yulo citou o dado do DIEESE de maio de 2009, falou do salário mínimo necessário, segundo a Constituição federal e o que o DIEESE calcula todos os meses. Até brinquei com uma pessoa que estava ao meu lado e disse-lhe: “Bem, agora já não são R\$ 2.045,00, mas R\$ 2.200,00.”. Isso em fevereiro. O de março ainda estamos calculando, porque não fechamos o mês. No mês de fevereiro, para uma família viver com dignidade, com as suas necessidades básicas satisfeitas, uma família composta por 4 pessoas, o que, diga-se de passagem, não é a regra na nossa sociedade, precisaria de uma renda salarial de R\$ 2.200,00. Diante desse dado, vemos a distância entre a economia que vivemos e a economia que deveria ser praticada para que todas as pessoas tivessem acesso a esse salário. No mês de janeiro, no dia 1º, o salário mínimo no Brasil passou a ser de R\$ 520,00, o que seria mais ou menos $\frac{1}{4}$ do necessário para que as pessoas pudessem sobreviver com um salário digno.

Uma outra questão que sempre me incomodou como economista, e o deputado trouxe à tona, é a mercantilização das pessoas. Hoje todos nós somos mercadorias. Por quê? Porque, como não temos os meios de produção, vendemos a nossa força de trabalho. Não haveria nenhum problema se vendêssemos a nossa força de trabalho. O grande problema disso é que quem compra a nossa força de trabalho imagina que compra a nossa alma, o nosso tempo, as nossas convicções e o nosso bem-estar, porque não nos devolve a capacidade de vivermos numa situação digna.

Então, o que é ruim não é simplesmente o fato de que existe uma exploração do homem pelo homem, o que já seria muito triste, e a cada dia essa exploração aumenta. Hoje as centrais sindicais brasileiras estão cansadas de lutar pela redução da jornada de trabalho. Para todo mundo, à primeira vista, parece uma utopia trabalhar menos e ganhar a mesma coisa que se ganha, mas na realidade não é isso, muito pelo contrário. Seria uma forma de devolver a esses trabalhadores aquilo em que são explorados dia-a-dia. Para vocês terem uma ideia, se reduzíssemos hoje a jornada de trabalho no Brasil, o custo das empresas com mão-de-obra aumentaria 1,99%. Parece até uma brincadeira! Por R\$ 1,99 você reduz a jornada de trabalho, mais pessoas trabalham, mais pessoas têm salário, mais pessoas têm tempo de vida para dedicar às suas famílias, às suas igrejas, às suas lutas sociais. Tempo hoje talvez seja uma das mercadorias mais

caras que existem. É por isso que o capital não abre mão do nosso tempo como trabalhador.

Hoje a nossa jornada de trabalho, para muitos trabalhadores, não se resume no período em que eles estão no trabalho, na fábrica, no escritório ou na lavoura. O período de trabalho se estende, porque existe o celular, através do qual a pessoa pode ser encontrada a qualquer momento, existe o *e-mail* que diz: “Olha, chegou isso aqui para você fazer.”. Coisas que seriam para facilitar a nossa vida tem-nos tornado mais escravos ainda. E obviamente alguém lucra com isso. E o alguém que lucra com isso é alguém que está lucrando cada dia mais.

Então, aproveitei essa oportunidade para falar da questão da redução da jornada porque é uma forma, sim, de devolver ao trabalhador uma parte do seu tempo que ele não está sendo remunerado, diga-se de passagem, para estar no seu trabalho. A mais-valia, numa linguagem bem simplificada, é aquilo, além da riqueza, que a gente é pago para gerar, a gente ainda gera sempre algo mais. E essa mais-valia só cresce.

Para vocês terem uma ideia, a produtividade na economia brasileira como um todo, na indústria, no período de 1993 a 2002, praticamente dobrou e não por causa das máquinas, mas porque, hoje em dia, uma pessoa faz o trabalho de duas. Por isso queremos voltar ao começo e reduzir a jornada.

Não faz sentido uma economia que não coloque o ser humano como centro e é o que a gente tem visto o tempo inteiro. Na realidade, o que importa hoje é criar consumidores e, normalmente, consumidores de coisas que não são necessárias.

Se observarmos, um exemplo bem corriqueiro, praticamente todas as pessoas têm aparelho celular. O celular quando surgiu era simplesmente um meio de você ligar para alguém ou receber uma ligação. Hoje em dia, como todo mundo já tem celular que recebe e faz ligação, ele manda *e-mail*, tira foto, conecta-se à internet, faz um milhão de coisas que talvez não fossem necessárias, porque você tem outros instrumentos para fazer isso. E por que que acontece essa mudança tecnológica tão rapidamente? Porque é preciso estimular na gente o desejo de ter sempre mais e o melhor, só que esse mais e melhor não necessariamente é alguma coisa que nos faz falta.

Uma vez que a gente está aqui reunido para falar, principalmente, da questão da economia se subordinar à vida, a gente precisa também lembrar, e aí não é o meu campo de atuação, não sou psicóloga, mas não precisa ser, que existe um processo muito grande de preenchimento de almas vazias por coisas. E, talvez, isso seja o mais triste: por que é que as pessoas se deixam escravizar pelo dinheiro, pelo trabalho o tempo inteiro porque não está conseguindo suprir as necessidades? Porque no fundo todos nós temos almas vazias, pelo menos uma partezinha da nossa alma está vazia de alguma coisa que a gente, às vezes, imagina que o consumo vai suprir. E, obviamente, o capital se aproveita disso. Ele mesmo nos causa, às vezes, esses buracos emocionais para que a gente vá lá e consuma.

Então, a gente precisa ter muita atenção em relação a isso, porque não são coisas que preenchem o espírito. Aqui há pessoas muito mais habilitadas para falar disso do que eu, mas certamente não são as coisas materiais, as propagandas, não são os melhores carros, as melhores roupas, os melhores corpos, que vão nos fazer mais felizes e a gente precisa lembrar disso.

E volto à questão do tempo. Todo trabalhador, todos nós - e digo trabalhador porque é com quem trabalho o tempo inteiro- nós trabalhadores, empregados ou desempregados, do campo, ou da cidade, somos a maioria da sociedade. Talvez, ao invés de coisas ficaríamos muito mais felizes de termos tempo para fazermos coisas e não comprar coisas, tempo para estarmos com a nossa família, para nos dedicarmos à nossa espiritualidade, tempo para aprender, para nos qualificar. Hoje em dia, vemos tantas pessoas cobrando a qualificação do trabalhador, sendo que esse trabalhador, ainda que tivesse condição monetária de se qualificar, não teria tempo. Em que momento da vida ele vai fazer isso?

Então, é extremamente oportuno. Tive muita alegria em receber o convite, deputado para estar aqui presente. Fiz questão de vir, em meu nome e em nome do *DIEESE*, porque, até me lembrei de uma frase, para encerrar. Tem uma música muito bonita que diz que, de vez em quando, a gente deve botar o dinheiro na frente da gente e dizer quem é dono de quem. Portanto, achei que era oportuno estar aqui hoje para tentar lembrar que, embora a gente venda a nossa força de trabalho, não vende a nossa alma.

Muito obrigada. (Palmas!)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Georgina.

Convoco para fazer uso da palavra Elias Dourado, chefe de gabinete da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte. (Palmas!)

O Sr. ELIAS DOURADO:- Boa-tarde a todos. Cumprimento de forma especial o presidente desta sessão, querido amigo Yulo Oiticica, registrando em nome do secretário Nilton Vasconcelos a feliz ideia e a oportunidade da sua ação, V.Exa. que é um parceiro nosso em várias ações, igualmente nas que fazemos junto aos movimentos sociais e a outras organizações da sociedade que pugnam por uma nova economia, um novo desenvolvimento, uma nova perspectiva para o nosso Estado. Igualmente, temos tal parlamentar com uma forte parceria com a nossa secretaria nas políticas de integração da juventude baiana, essa juventude excluída, essa parcela da sociedade baiana que amarga um índice de desemprego que é o dobro dos índices das demais parcelas. Enfim, o deputado é, sem dúvida, um dos grandes líderes da luta da juventude na Bahia. E tem na nossa secretaria, no nosso governo, evidentemente, toda a parceria possível para que possamos reduzir pouco a pouco essas imensas desigualdades na nossa terra.

Eu tenho poucas coisas a serem ditas. Vou falar três de forma bem objetiva para não tomar tanto tempo.

Primeiro, quero destacar a justeza da campanha da CNBB e do Conic e cumprimentar todos os representantes em nome do padre José Carlos e do representante da Cáritas, parceira dessa ação de mudar essa dura e terrível face da economia mundial e brasileira que tanto exclui as pessoas. Em nome do Conic, também registro juntamente com essas organizações que é fundamental compreender a justeza desta campanha.

Mas queria destacar, deputado Yulo Oiticica, demais presentes e companheira Georgina, que representa o *DIEESE* e tão brilhantemente discorreu aqui sobre a

problemática do trabalho neste contexto, a oportunidade desta campanha. Nós estamos, a rigor, vivendo um momento no qual alguns dizem que a crise passou, outros que não. É um pouco pra lá, um pouco pra cá, muita discussão, pois esta é uma crise com caráter e essência muito discutidos, etc. Porém, objetivamente, o que temos a constatar - por isso a campanha, além de justa, é bastante oportuna - é que tal iniciativa vem trazer uma reflexão no instante em que todos discutem o seguinte: a crise veio mas, pelo menos no caso do Brasil, como disse o presidente Lula, ela de fato foi uma marolinha, não nos atingiu como poderia ter atingido se não tivéssemos um governo e uma estrutura econômica no País capazes de suportar tal processo. Só que, de forma objetiva, o que está acontecendo é que os fundamentos, os pilares, a essência da crise estão todos aí.

Então, não podemos aceitar a ideia de que ela passou definitivamente se a sua essência está toda aí colocada, se os fundamentos do sistema financeiro, que têm vida própria, em certa medida negam a estrutura produtiva da sociedade. Ela está aí mantida, sim, se permanecem as regras com que esse sistema abocanha lucros e lucros. E aqui já foram colocadas algumas informações sobre isso. Portanto, esta é uma discussão importante. Daí, acho que a iniciativa da CNBB, do Conic e de todo o movimento social no nosso País é extremamente oportuna para discutirmos e denunciarmos os elementos da lógica econômica que exclui pessoas, da lógica econômica que nos leva, como daqui disse Georgina muito bem, a coisificar pessoas, da lógica econômica que leva todos nós a pensar que o consumo é que vai nos preencher, como igualmente muito bem disse Georgina há pouco. Então essas são realmente reflexões importantes, porque na essência desta lógica econômica está o consumo desenfreado.

Trago agora a frase duma pessoa especial para todos nós neste mundo: Mahatma Gandhi. Ele dizia que o que se produz no mundo é suficiente para suprir as nossas necessidades, mas é, com certeza, insuficiente para suprir a ganância de alguns. Ele dizia que a necessidade de todos pode ser suprida por aquilo que se produz, mas a ganância de alguns, com certeza, não pode ser suprida.

Então, quando a CNBB e o Conip levantam a discussão, estão exatamente fazendo um contraponto com esta lógica econômica da ganância, ou seja, a lógica econômica do consumo desenfreado. Acho que esta é a reflexão que nós devemos fazer neste momento. Então, eu queria destacar o Pe. José Carlos pela imensa oportunidade desta campanha.

Agora, queria, por último, para encerrar, para não tomar muito tempo, falar de algo que eu acho fundamental quando alguém que, eventualmente, ocupa uma cadeira no governo, governo com o caráter que temos na Bahia, sem dúvida nenhuma, muda, totalmente, a face da forma de governar o nosso Estado.

De certa forma, gostaria de destacar uns pontos que têm tudo a ver e que é um pouco o nosso dever de casa: o que estamos fazendo diante disso? Não estamos aqui apenas para manifestar, opinar, contribuir, participar deste debate e fortalecer esta corrente forte que é a corrente que vem sendo trabalhada não só nesta campanha mas em diversas outras campanhas com uma dimensão ética do viver, uma dimensão do compartilhar a riqueza, uma dimensão de uma melhor convivência, etc., etc., que este é o caminho que a CNBB tem trilhado, que o Conip tem trilhado, que as diversas organizações têm trilhado.

Peço desculpas para registrar também os nossos cumprimentos ao representante do Sr. Prefeito, o Sr. Neemias Reis, aqui também do prefeito João Henrique.

Porém, eu queria destacar o fato de que nós do governo do governador Jaques Wagner temos pautado uma coisa que é a essência desta contribuição. O governador Jaques Wagner, mais do que muitos de nossos líderes do nosso Brasil, igualmente como presidente Lula, é visto tanto aqui na Bahia como no Brasil e ainda fora do País, como líder do trabalho, líder do mundo do trabalho. É um líder que leva em sua trajetória e em seu governo a pauta de trabalho como forma de tentar realizar o bem estar das pessoas. Esta campanha tem tudo a ver com isso.

Então, nós temos no governo do governador Jaques Wagner que nós coordenamos a Agenda Bahia do Trabalho Decente. Esta agenda congrega diversas dimensões relacionadas ao trabalho e busca discutir o trabalho como fator de emancipação das pessoas, como fator de bem estar, como fator de bem viver. A rigor, a rigor, esta lógica econômica que prevalece e é bastante denunciada nesta campanha é a lógica econômica que desvaloriza o trabalho, desqualifica o trabalho, indignifica o trabalho, leva as pessoas, no trabalho, a sofrerem as piores formas de exploração e as piores formas de discriminação.

Na Agenda do Trabalho Decente está a dimensão do combate ao trabalho escravo presente em nosso Estado também como em outros estados brasileiros. Está ali uma dimensão extremamente justa do combate ao trabalho infantil que é uma situação degradante as nossas crianças e que via de regra as afasta daquilo que é mais importante na vida de cada pessoa que é o processo educacional e que é o processo de viver a infância, viver a beleza que é a infância.

O trabalho infantil ceifa isso, muitas vezes, de maneira violenta, de maneira agressiva, de maneira a fazer com que essas crianças se transformem em jovens com uma situação pessoal que leva necessariamente por esta própria realidade – o deputado Yulo Oiticica conhece muito bem isso por sua trajetória junto à luta da defesa dos direitos humanos que leva os jovens a fazer parte da triste estatística de nosso País. Vejam, 80% da população carcerária de nosso País é composta de jovens. Então, esta reflexão está lá na agenda do trabalho decente.

Ali, também, está colocada a dimensão da discriminação do trabalho às mulheres, da discriminação da cor no trabalho e no mundo do trabalho, na inclusão do trabalho das mulheres. Essas também compõem estatísticas muito altas de desemprego. Porém, quando empregadas, em muitas situações, em trabalho igual ao dos homens, as mulheres recebem menos do que os homens. Então, está ali colocada esta dimensão.

Está ali colocado o eixo voltado à forma de trabalho, principalmente uma das mais antigas de nossa sociedade, que é o trabalho doméstico. Este é igualmente subvalorizado, igualmente servido de diversas formas de trazer sofrimento a essas mulheres que, em sua grande maioria ou 96% delas, mulheres negras. Elas são, de alguma maneira, desvalorizadas no exercício de seu trabalho e muitas vezes dentro do âmbito do lar das famílias baianas e assim também no Brasil.

Então, são elementos que estão em volta do trabalho decente.

E eu queria destacar uma outra dimensão que é a do trabalho voltada aos empregos verdes ou aos empregos que decorrem com o cuidado com o meio ambiente – aliás, isso foi muito bem colocado aqui pelo padre Zé Carlos e que faz parte dessa

reflexão e queria chamar a atenção de uma coisa, deputado Yulo, de que a Agenda do Trabalho Decente é uma conclamação da Organização Internacional do Trabalho, mas recentemente, a OIT lançou um documento muito importante, dentre seus documentos, que tem tudo a ver com essa campanha, documento sobre o trabalho e a família, porque levanta o trabalho como elemento central da agregação familiar, da valorização do pai, da mãe, do filho e, dessa convivência, o trabalho como forma de dignificar essa relação social, que é da máxima importância, eu tenho certeza de que todos que abraçam essa campanha da CNBB e do CONIX estão com essa dimensão colocada.

Para encerrar, nessa linha quero dizer que a Bahia é o primeiro Estado, o primeiro ente subnacional do mundo, no âmbito da OIT, a ter uma Agenda do Trabalho Decente, uma ação do governador Jaques Wagner coordenada pelo secretário Nilton Vasconcelos e de que temos orgulho de participar, mas não é uma ação só do nosso governo, estão envolvidos, além de 27 organizações, a Assembleia Legislativa do Estado, o Tribunal de Justiça, diversas organizações sindicais de trabalhadores, organizações de empregadores também, então é um espaço para esse diálogo.

Encerraria chamando a atenção de uma outra ação do nosso governo que tem tudo a ver com essa campanha, que é a ação voltada ao fortalecimento dos empreendimentos de economia solidária. Temos na Bahia hoje 175 agências do Credibahia, que é um micro crédito voltado a probabilitar os microagentes econômicos, as pessoas mais simples que querem vender pipoca, acarajé ou produzir alguma coisa, então, o Estado da Bahia as apoia através desse mecanismo, e diversas outras ações nos levam a ter a economia solidária no centro dessa ação.

É uma ação que vem do governo federal, através do presidente Lula com as Senaes, Secretária Nacional de Economia Solidária, que na Bahia ganhou a forma de uma superintendência associada a outras tantas estruturas de nosso Estado, cuidando desses micros e pequenos negócios, que nos levam, sim, a efetivar na prática uma outra constatação, se é preciso que nós, ao invés de vivermos na lógica antiga, que era chamado de crescimento para depois distribuir o bolo, nós podemos avançar para termos esse bolo já melhor distribuído, e o que se descobriu nas marcas do governo do presidente Lula e do governador Jaques Wagner é que nós, ao investirmos na ação social, nos pequenos e micro empreendimentos, ao fazer esse trabalho coletivo e solidário produzir algum nível de riqueza, nós começamos a perceber que o investimento em saúde, em educação, na criança, no adolescente, no idoso, social enfim, gera negócio, gera atividade econômica e gera bem-estar por conseguinte.

Essa é a nova realidade econômica que começamos a viver, e encerraria, deputado Yulo, chamando a atenção de que é fundamental que a sociedade, as organizações da sociedade, eu sei aqui e falo isso com tranquilidade que a Cáritas Diocesana é o exemplo no Brasil todo de ação nesse terreno, mas que as demais organizações precisam se apropriar, a palavra aqui não é outra, é apropriação dessa ação que é pública, para que esses empreendimentos se viabilizem e possam assim gerar alegria de viver e bem-estar para essas pessoas numa forma de organização solidária, que essa, sim, é efetivamente contrária a essa lógica do capital, a essa lógica do sistema financeiro, a essa lógica tão nefasta à vida das pessoas.

Por essa razão eu chamaria a atenção de que nós teremos, já neste semestre, um debate muito importante sobre o marco legal da economia solidária, as leis que

possibilitam fortalecermos a economia solidária.

Para dividir com os senhores e com as senhoras a dificuldade que temos, podemos registrar o que aconteceu agora na época da crise. Rapidinho, aqui, foram falados números, o deputado Yulo colocou números, o governo por aí afora, e no Brasil não foi preciso, porque o Brasil teve governo sério para conduzir essa coisa de uma outra forma, mas por aí afora rapidinho se socorreram a General Motors, bancos etc. Se nós temos um programa voltado para a economia solidária e precisarmos fazer um convênio com a cooperativa de catadores de resíduos polidos em qualquer município baiano, temos que seguir, e seguimos mesmo, a não ser que esta Casa altere essa forma de fazer, mas temos que seguir os trâmites legais, necessariamente burocráticos, para que possamos apoiar uma cooperativa de catadores, que leva, às vezes, dignidade a pessoas que vivem no lixão num município baiano, com as piores situações de degradação.

Chamo a atenção, porque esse debate acontece sobre a nova legislação que precisamos construir, a Bahia já tem, aprovada por esta Casa, por unanimidade, inclusive numa ação do nosso governo, uma lei de apoio ao cooperativismo, com o Conselho Estadual de Cooperativismo, que tem tudo a ver com essa lógica que estamos aqui discutindo, uma lei estadual de apoio ao trabalho decente, aprovada também nesta Casa. E teremos uma lei de apoio à Economia Solidária, se for da vontade da maioria das Srs. Deputadas e dos Srs. Deputados, porque é assunto desta Casa e terá esse debate.

No início de maio, nos dias 3, 4 e 5, acontecerá a Conferência Estadual de Economia Solidária. Convido todos a participarem desse debate, para que possamos construir, de fato, o apoio aos micros e pequenos empreendimentos, que todos vocês conhecem, como cooperativas de costureiras, de catadores, enfim, cooperativas para que vivam com dignidade neste Estado pessoas que dificilmente, para não dizer nunca, recebem apoio do governo do Estado, da prefeitura, e precisam ter esse apoio, porque os bancos e sistemas de peso na economia de maneira alguma encontram formas de dar esse apoio a essas organizações.

Agradeço pela oportunidade mais uma vez, e destaco que estamos sempre abertos ao debate sobre esta questão.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Elias Dourado.

Convido para fazer uso da palavra o reverendo Cláudio da Chaga Soares, da Igreja Presbiteriana Unida.

Registro a presença do nosso deputado federal Luiz Couto, do Partido dos Trabalhadores da Paraíba, sacerdote e membro da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara Federal, que tanto contribuiu com a Bahia, pois foi o relator da CPI dos Grupos de Extermínio para o Nordeste do nosso País.

O Sr. CLÁUDIO DA CHAGA SOARES:- Quero saudar a Mesa e o deputado Yulo Oiticica pela iniciativa de trazer a este Plenário uma discussão tão importante, que é a Campanha da Fraternidade Ecumênica, estamos esquecendo desse E final.

Campanha da Fraternidade Ecumênica que é coordenada pelo Conic, pelas

igrejas membros do Conic, dentre elas a que represento, que é a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, que com alegria participa desta discussão.

Fiquei pensando no meu cantinho, depois da fala de Ana Georgina o que falar agora? Meu Deus do céu, mulher, você me trouxe uma dor de cabeça, daquelas enormes. Lembrei-me de uma cantiga que diz: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida...”

O que queremos, então? É isso que é Economia e Vida, o que a Campanha da Fraternidade Ecumênica propõe discutir agora, neste momento: pensarmos e repensarmos a nossa prática cotidiana. O ser humano não é só ser humano de comer, de consumir, é ser humano de construir e, principalmente, desconstruir discursos e relações.

Como membro do Conic, e um dos coautores do texto base dessa campanha, quando nos chegou a proposta de discutir a economia, foi um momento muito importante.

Como correlacionar o discurso da economia com a realidade de hoje? Será que a economia tem algo, realmente, a dizer ou que nós, cristãos, temos algo a dizer como proposta de uma nova economia? Por isso o texto do Evangelho de Mateus, que serve como base, diz: “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”. Servir a Deus e a Mamom, servir a Deus e ao “capetalismo”.

Sou carioca, fui criado, nas décadas de 80 e 90, andando pelo Rio de Janeiro. Nos viadutos haviam várias escritas de um profeta popular chamado Gentileza, cuja máxima era: “Gentileza gera gentileza”.

Um dia perguntaram a ele o que achava do capitalismo. O profeta Gentileza disse: “Olha, eu não entendo de capitalismo, não, mas sei que esse modelo econômico está embasado no ‘capetalismo’”. O “capetalismo” se desdobra em duas dimensões: na “capetalização” do outro, que nós chamamos de processo de coisificação ou reificação, e no processo de “capetalização” de si próprio, quando se pensa que só se é gente quando tem coisas, tal como foi proposto na fala de Ana Georgina.

Estamos numa sociedade em que a pessoa é valorizada pelo que ela tem e não pelo que ela é. Por isso esse texto bíblico de Mateus quer trazer para a gente de novo a reflexão: o que é o ser humano como construtor de relações econômicas. E economia não é só dinheiro, economia é tratar do meio ambiente, de repensarmos formas de produzir que respeitem o meio ambiente. Economia não é só dinheiro, é também, como foi dito, economizar o tempo para que eu seja mais gente e seja eu mesmo, afirmado na minha plena humanidade.

Sou de tradição presbiteriana, desde criança ouvi também que Max Weber dizia que os presbiterianos, através da doutrina da predestinação, teriam legitimado de certa forma o discurso do capitalismo. Isso me dava uma incha no corpo muito grande, e comecei a ler Calvino, como presbiteriano – não se vocês sabem, mas Calvino é o pensador reformador que de certa forma sistematizou o pensamento dos cristãos reformados franceses na Suíça. Eu me lembro muito bem quando em um dos discursos sociais do Calvino, ele fala que só tem uma forma de a gente viver plenamente uma economia, e uma economia que seja realmente cristã: é quando essa economia sacramenta o pobre. Ele usa o termo latino, chama o pobre de sacramento de Deus. Então, uma economia que exclui o pobre não é uma economia cristã, não é economia

justa, não cria relações justas. Uma economia que é firmada ou pautada na exclusão é uma economia da “capetalização”, em que eu não tenho mais consciência do que eu sou, nem o outro tem consciência do que ele é.

O Evangelho então nos convida e nos empurra para dentro da sociedade para que a gente possa descobrir novas formas de economia, e uma delas, podemos discutir, é a economia solidária, a economia indígena, a economia dos quilombolas, diversos modelos de economia que suscitam e que se levantam como alternativas a esse modelo de mercado que está aí. Essa economia do mercado não é solidária, ela gera solidão, ela é firmada na “solitariedade”, é como uma ténia solitária, que vai tomando o corpo da pessoa até ela morrer.

O Conic traz como discussão economia e vida, porque entende que o ser humano não pode estar mais alienado, e os modelos econômicos estão por aí; e que a vida, já que seguimos o Deus da vida e não dos mortos nem da morte, deve ser o referencial importante e principal para a nossa reflexão de fé e para a nossa espiritualidade cristã.

Finalizando, sou presbiteriano, da Igreja Presbiteriana Unida, que é um dos ramos do presbiterianismo mais novo do Brasil. Temos 33 anos, e o hino que compõe a nossa fé ou que demonstra a nossa maneira de perceber a fé, escrito pelo reverendo João Dias Araújo, diz assim: “Que estou fazendo se sou cristão, se Cristo deu-me o seu perdão. Há muitos pobres sem lar, sem pão. Há muitas vidas sem salvação. Milhões não sabem como escrever, milhões de olhos não sabem ler, nas trevas vivem sem perceber que são escravos de outro ser. Há muita fome no meu País, há muita gente que é infeliz, há criancinhas que vão morrer, há tantos velhos a padecer. Meu Cristo veio para nos remir, o homem todo sem dividir, não só a alma do mal salvar, também o corpo ressuscitar. Aos poderosos, eu vou gritar; aos homens ricos, vou proclamar que a injustiça é contra Deus e a vil miséria insulta os céus.”

Que economia e vida seja o momento para a gente responder à pergunta primeira: A gente não quer só comida. O que é que a gente quer? Que seja a vida plena e vida para todos.

Que Deus abençoe a todos os irmãos e irmãs aqui presentes! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, reverendo Cláudio, por essa fala importante na sessão especial da Campanha da Fraternidade Ecumênica.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):-Quero convidar para fazer uso da palavra José Carlos, da Cáritas Brasileira.

O Sr. JOSÉ CARLOS:-Quero saudar a todos da Mesa, parabenizar o deputado Yulo pela iniciativa de trazer aqui para este espaço, para a Casa Legislativa da Bahia este debate da Campanha da Fraternidade. O reverendo Cláudio frisou e isso precisa ser lembrado e fortalecido, porque acho que um dos grandes êxitos dessa campanha é ser ecumênica.

No mundo e no momento em que religião tem sido utilizada como motivos ou argumentos para promover guerras, é muito importante discutir e construir efetivamente o ecumenismo, o diálogo, o respeito entre as igrejas, as religiões, inclusive as não-cristãs. Acredito que o fato de a nossa Campanha da Fraternidade 2010 ser ecumênica já é um efeito positivo.

Quero saudar todos que vieram, que estão presentes neste espaço, neste dia de hoje, e começar com um dito popular que, acredito que todo mundo já ouviu: farinha pouca, meu pirão primeiro. Levei muito tempo para compreender o que significava isso, porque da casa de onde venho, uma família grande, treze filhos, um pai semi-analfabeto e uma mãe cuidadora, agricultora, de uma família aqui do interior da Bahia, a farinha era pouca, mas sempre dava para todo mundo, nunca tinha a coisa do farinha pouca o meu pirão primeiro. Todo mundo comia, comia junto, ajudava a produzir e ajudava efetivamente a construir uma família unida, uma família que se alimentava junto, que produzia junto.

Então, o que significava farinha pouca o meu pirão primeiro? O que queria dizer isso, afinal de contas? Levei muito tempo para perceber que esse era um ditado que só poderia existir ou só tinha sentido numa realidade que, de fato, eu ainda não conhecia, portanto não podia compreendê-lo naquele momento. Até que um dia, depois de muito tempo, já na universidade, um professor me disse que a economia era a ciência que estudava a escassez. Já que estuda a escassez, se a farinha é pouca, dentro de um sistema em que se coloca a competição no centro das coisas, então está justificado. Se tem pouca farinha, a gente cria nas pessoas aquele sentimento de que se tem pouco, eu preciso comer primeiro, os outros que se danem e está resolvida a situação.

Então, acredito que a Campanha da Fraternidade deste ano, além do mérito de ser ecumênica, traz esse imenso desafio de discutir com a sociedade que, se a farinha é pouca, é preciso construir outras formas, outros jeitos de dividir essa farinha. Aí é preciso beber na água, é preciso se nutrir no exemplo do Evangelho, sem dúvida alguma, o milagre da multiplicação dos peixes não se trata simplesmente de um milagre, mas se trata da partilha. Não foi necessariamente os peixes que foram milagrosamente multiplicados, mas foi a partilha entre aquelas pessoas que faziam parte da multidão que fez com que todos comessem e ainda sobrassem vários cestos que foram recolhidos depois.

Por isso o Evangelho, sim, é uma fonte de inspiração para a gente ressignificar a economia, a gente construir um outro sistema em que a partilha, a solidariedade seja o centro da atividade econômica, da ação econômica humana e não uma competição e o lucro desenfreado.

Acho que uma outra fonte, uma outra forma de a gente se nutrir neste debate são os exemplos que vêm das comunidades, dos povos tradicionais, dos povos indígenas, de agricultores familiares, falo porque vim de lá, que têm como referência, como fundamento outros valores que não esses tão perversos que vêm sendo afirmados como sendo a única condição, a única forma das sociedades humanas se reproduzirem.

Acredito que além de denunciar a perversidade desse sistema econômico, que coloca pessoa contra pessoa, seres humanos contra seres humanos numa guerra desenfreada por poder, a campanha também nos permite anunciar esta outra economia que está sendo construída.

Existem, sim, outras referências na sociedade. Falar de outra economia que está inserida em outros valores e consegue dialogar com outros valores é falar aqui na Bahia, por exemplo, dos mais de 1.600 empreendimentos de economia solidária que já foram mapeados e precisam ter políticas concretas para se desenvolverem.

É preciso garantir crédito adequado e um sistema de direito ao trabalho

associado, que a sociedade brasileira demanda. É preciso que esse diálogo seja feito nesta Casa para que possamos, efetivamente, construir as condições para que outros elementos e valores que são completamente esquecidos dentro dessa lógica capitalista, desse sistema que se fundamenta em questões extremamente excludentes, sejam substituídos por essa outra economia que traz a emancipação do trabalho, a autogestão, a solidariedade, a cooperação e o bem comum como o centro e o fundamento da atividade econômica, da ação humana na solução dos problemas comuns a todos.

Lembro de um ditado que diz: quando não sabemos muito bem a origem de um ditado dizemos que ele é chinês, que uma árvore que cai faz mais barulho que uma floresta que nasce. Acredito que esse capitalismo que está caindo, que está por todos os sentidos e ângulos se equivocou de uma ponta a outra; ele se equivocou no excesso de pobreza que produziu numa ponta, e se equivocou no excesso de riqueza que produziu na outra. Temos cidadãos e cidadãs pobres, passando fome, numa ponta, e em outra temos cidadãos extremamente ricos suicidando-se por falta de perspectiva.

Esse sistema que cai faz barulho, mas é preciso que tenhamos condições, os ouvidos abertos, os sentidos aguçados para perceber o sistema que nasce. O que tem sido construído pela Bahia, pelo Brasil, pelo mundo afora, aponta outra direção, outro caminho, e nos mostra por onde a sociedade deve-se espelhar para, efetivamente, construir esse outro modelo, esse outro sistema, essa outra lógica.

É lógico que muitas vezes isso demora para chegar nesta Casa. Demora. Os Parlamentos comumente são lentos por todos os motivos que já foram ditos aqui, pois este é o espaço do contraditório, da disputa, e muitas vezes do poder, não é isso? E o poder que está constituído não abre mão de forma nenhuma. Assim, isso vai ter que ser constituído a partir da luta, da organização popular, dos processos de mobilização e fortalecimento das iniciativas comunitárias, dos empreendimentos que estão lá ainda que fragilizados, mas que começam a crescer e a ganhar fôlego.

Essa floresta de empreendimentos e iniciativas que está crescendo sem fazer barulho certamente irá substituir essa árvore podre chamada de capitalismo pelo reverendo que me antecedeu, irá substituí-lo para que de fato a gente possa ter uma Bahia justa, uma Bahia verdadeiramente de todos nós e que a gente possa dizer isso com a convicção de quem consegue enxergar em cada município, em cada casa deste Estado essa realidade sendo concretizada.

Visitei há pouco tempo, na semana passada, o Norte do Estado da Bahia e pude ver, de forma muito clara, as comunidades de fundo de pasto se organizando no meio do Sertão. Já tínhamos rodado 300 Km. Agente estava num ponto que se pegou uma informação e alguém disse: “Gente, está longe ainda.” Eu também disse: “Meu Deus do céu, estamos há 600 Km de Salvador, já rodamos mais 300 Km a partir de Juazeiro e ainda estamos longe de chegar nesse lugar! Que diabo de lugar é esse? Será que a Bahia conhece esse lugar?”

Chegamos lá e encontramos pessoas no meio de uma caatinga produzindo dentro de uma outra lógica, se organizando dentro de um outro processo que, de fato, o Estado demora chegar. É preciso fazer com que o Estado chegue, conheça, reconheça o direito à propriedade coletiva daqueles povos e comunidades que estão lá e que reivindicam esse direito, porque essa é a prática histórica deles. Os fundos de pastos não querem títulos individuais, eles querem o reconhecimento da sua forma histórica de

organização e de posse coletiva de suas terras. O Estado precisa reconhecer isso. Esse é um dos exemplos de uma floresta que nasce.

Acredito que outro exemplo de uma árvore que cai foi visitar o perímetro irrigado também na região do Vale do São Francisco. Terei esse vídeo para fazer essa denúncia de forma mais adequada. Vi uma ave morta, uma raposa morta e 3 urubus mortos, uma cadeia alimentar morta por conta da ação do efeito do veneno que é colocado naquelas lavouras para produzir as frutas que são consumidas no Brasil - para fora não se bota veneno porque as casas de inspeção não deixam. Mas para produzir cebola e as frutas que são consumidas aqui, mataram-se até urubus. É simplesmente impossível admitir uma situação dessa natureza.

Acredito que uma campanha puxada, convocada, conduzida por um conjunto de igrejas no Brasil, que permite fazer esse debate, já é uma campanha extremamente vitoriosa, e estamos só no começo.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Gostaria de chamar o deputado Álvaro Gomes para fazer uma saudação. Antes, quero registrar as presenças dos nossos companheiros da cidade de Jaguarari, José Roberto, nosso vice-prefeito, muito obrigado pela presença, acompanhado por Chico e Evilásio, companheiros importantes, a vereadora da cidade do Salvador, Marta Rodrigues, que quero saudá-la no mês especial das mulheres, companheira combativa no legislativo da nossa capital, também quero saudar o nosso companheiro Tiago Mendes, diretor, e aquela senhora ali atrás, Ariel, de 3 anos, que já está começando a aprender a labuta para construir um sistema econômico que garanta os direitos sociais.

Com a palavra o deputado Álvaro Gomes.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Quero saudar o deputado Yulo Oiticica, autor desta importante sessão. Aliás, Yulo Oiticica é um dos parlamentares mais atuantes aqui e tem tido uma dedicação muito grande a essa questão dos direitos humanos, da justiça. Está de parabéns pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo nessa área. Quero saudar também o padre José Carlos, em nome dele quero saudar toda a Mesa e todos os presentes.

A campanha da fraternidade deste ano é muito importante com o tema: Economia e Vida. No ano passado, o tema foi A Paz é Fruto de Justiça.

Eu sou presidente de uma entidade chamada Iapaz, Instituto de Estudos e Ação Pela Paz com Justiça Social, que defende a tese de que para se alcançar a paz é preciso justiça social.

O tema deste ano é muito importante, pois trata da discussão da economia. Às vezes, se fala no crescimento da economia, que só é importante se vier junto com a justiça social. Não adianta crescer a economia se a mesma não é distribuída para a sociedade, se a população não usufrui dos benefícios dessa economia. Então, o crescimento da economia precisa vir acompanhado do crescimento da justiça social. Dessa forma teremos uma sociedade mais justa, igualitária, sem opressão.

Podemos citar um exemplo concreto, Estados Unidos, maior economia do

mundo, aproximadamente U\$15 trilhões constituem o seu PIB. Portanto, a maior economia do mundo, o maior poderio econômico e militar do mundo. Os Estados Unidos, com essa economia, gastaram U\$294 bilhões com a questão militar em 2001; em 2003, U\$355 bilhões e continuam com um gasto parecido na atualidade.

Portanto, maior economia do mundo, maior gasto militar do mundo, e a sua população não vive bem, visto que são mais de 30 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza; são cerca de 10 milhões de mendigos e mais de 2 milhões de prisioneiros. Então, isso significa que o crescimento da economia, no caso dos Estados Unidos e dos países capitalistas, no geral, não vem acompanhado de uma política para reduzir as desigualdades sociais.

A economia precisa estar voltada para as necessidades da população, da sociedade. Essa é a tese que nós defendemos. Crescer a economia é importantíssimo, quanto maior a economia, melhor, desde quando seja para os interesses da sociedade.

Aqui no Brasil, nós observamos, no último período, uma melhoria das condições de vida da população. A economia cresce e melhora um pouco a situação da população. Cerca de 50 milhões de pessoas melhoraram de vida. Claro que ainda é uma melhoria muito lenta, porque ainda são milhões de desempregados, milhões de famintos, vivemos numa sociedade bastante desigual e injusta, mas o nosso desafio é lutar para que essa economia cresça cada vez mais em benefício da sociedade.

Na Bahia, também, nós estamos no mesmo caminho da redução das desigualdades sociais. A economia se recuperando em benefício da população. Mas ainda é um processo muito lento, que precisa ser acelerado para que possamos ter uma sociedade mais justa, igualitária, onde todos possam viver com dignidade e possam exercer a sua verdadeira cidadania. Esse é o desafio de todos nós, economia e vida, economia servindo para a vida.

Não podemos aceitar a lógica do capital perverso e cruel numa situação onde observamos que o capital está acima de tudo. Eu sei que dentro da lógica capitalista o capital está acima de tudo e as pessoas virando objetos descartáveis, virando coisas. É muito comum observamos a desconsideração com as pessoas, os grupos de extermínio, a exploração e as mortes no trabalho. É uma lógica absurda, porque as pessoas estão virando coisas e as coisas estão virando seres humanos, porque o mercado fica tenso, fica nervoso, agitado. É uma lógica que temos que mudar. Temos que mudar a lógica, o ser humano é ser humano, o ser humano não é coisa, não pode ser descartado e a economia tem que estar a serviço da humanidade. Vamos lutar para isso, vamos conquistar. Estamos avançando, mas precisamos avançar muito mais.

Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, deputado Álvaro Gomes.

Quero fazer um breve comunicado. O Centro de Educação e Cultura Popular, CECUP, convida os companheiros e companheiras, organizações, para discutir a segurança pública, tendo em vista os casos graves que aconteceram em Canabrava, Uruguai, Vitória da Conquista e agora, mais recentemente, no bairro de Pero Vaz. A reunião acontecerá na próxima sexta-feira, portanto amanhã, às 15 horas, na sala 501, Edifício Alta Bahia, que fica no fundo do módulo policial do Relógio de São Pedro, 5º

andar. O nosso companheiro Patrício do CECUP está aqui.

Quero agradecer a presença da Pastoral Carcerária; nosso companheiro Dartanhan, da Secretaria de Justiça Cidadania e Direitos Humanos; nosso professor Paulo Bezerra, importante neste debate constante; a Pastoral da Criança; ao nosso companheiro Sérgio São Bernardo; nosso companheiro Jerry Matalawê, deputado Luiz Couto, Jerry Matalawê é um companheiro índio da etnia Pataxó Hã-hã-hãe, do Sul da Bahia, que assumiu a coordenação de povos indígenas, povos tradicionais, na Secretaria de Justiça Cidadania e Direitos Humanos de nosso Estado. A presença de Jerry aqui registra a importância desse espaço inovador e do papel que ele tem exercido na defesa dos povos indígenas de toda a nossa Bahia, somando-se naturalmente à luta nacional.

Quero, em nome do Pe. Zé Carlos, recomendar a todos que continuem fazendo esse debate nas paróquias, nas comunidades, lotem as igrejas. Estamos falando da vida da gente quando falamos de economia, estamos discutindo a importância, como dizia a nossa economista, do ócio. Já há teses no mundo que dizem que o ócio é bom, inclusive para toda sociedade. Não ter o que fazer não significa fazer o que não deve. Não ter o que fazer pressupõe a oportunidade do lazer, de estar com a família, de estar cultuando, cultivando os importantes valores da sociedade, sejam individuais ou coletivos, seja o descanso, o repouso ou a confraternização. Portanto, reproduzir esse debate numa perspectiva de que a Páscoa seja muito mais recheada da consequência de novas mentes, novos gestos e novas ações é fundamental para nós.

Quero, em nome da Assembleia Legislativa, agradecer a todos e todas por terem vindo a esta Casa, participado de forma direta ou indireta do nosso debate e, mais uma vez, ratificar que é preciso multiplicar essa discussão até para que a campanha da fraternidade não seja só nos 40 dias da quaresma, mas todo ano de 2010, porque é a perspectiva de construir um novo modelo de desenvolvimento econômico comprometido com justiça social.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*